



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Disciplina: Telejornalismo (CJE0526)

Docente: Luiz Fernando Santoro

Alunos:

Matheus Zanin de Moraes — Nº USP: 11227921

Ramana Reich Duarte — Nº USP: 22372181

Análise Telejornais: "Ação da PM no Complexo do Salgueiro em Novembro"

Jornal Nacional (Globo)

Estrutura

- A âncora traz um pequeno lead no início para introduzir a telereportagem e, ao fim, aparece para dar a resposta da polícia à matéria.
- A matéria utiliza sonoras do porta-voz da PM e de moradores. Nesses últimos, a maioria está em anonimato.
- A reportagem também traz offs com áudios dos moradores, em vez do repórter. As vozes dos moradores do Complexo foram modificadas.

Elementos de linguagem

- A matéria usa os letterings em seu sentido mais comum, para apresentar entrevistados e jornalistas, embora uma moradora, em entrevista coletiva, tenha ficado sem identificação. Também foram necessárias legendas para melhor compreensão dos entrevistados, cujas vozes foram modificadas para manter o anonimato.
- O jornal utiliza a arte como ferramenta explicativa em determinado trecho da reportagem, com o objetivo de apontar a localização do Complexo do Salgueiro de forma visual para o telespectador.
- Nas imagens produzidas pelas emissoras, a maior parte são planos gerais vistos de cima. Repórter e entrevistados são capturados no plano médio, da cintura para cima. A reportagem ainda utiliza imagens de terceiros filmadas por um celular.
- A reportagem emprega imagens semelhantes para ilustrar os offs. Em geral, cada imagem aparece poucos segundos por vez, mantendo um ritmo da matéria bastante dinâmico. Na maioria das vezes, as transições entre as imagens são simples e rápidas. Quando aparece a primeira fotografia do sargento Leandro Rumbelsperger da Silva, a transição é um pouco mais lenta.

- A maioria dos efeitos presentes na matéria servem para manter o anonimato das fontes, com modificação de voz e imagem
- A voz do repórter predomina durante toda a reportagem. Não há ruído de fundos, efeitos sonoros ou BG.
- Durante sua aparição na matéria, a repórter traz um microfone dinâmico de mão unidirecional. O porta-voz da polícia militar também aparece segurando o equipamento, enquanto a repórter fica completamente fora da câmera.

Conteúdo

- O Jornal Nacional apresenta um texto claro, com períodos curtos e poucas informações cada. Na maior parte do telejornal, prevalece o tempo passado, como “os moradores carregaram os corpos até um terreno. Não havia bombeiros nem policiais”.
- Pelo próprio tema da reportagem, o noticiário não traz muitos números e se concentra mais na disputa de versões entre moradores e policiais.
- A repórter não fala o nome completo da sigla mencionada durante o telejornal, o BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais). Por outro lado, o noticiário usa apenas o nome inteiro da Polícia Militar, em vez de sua sigla, PM. Não foram observados uso de jargões, e há um esforço do jornal para deixar as informações claras para o telespectador.
- O jornal traz duas versões para o acontecido do Complexo de Salgueiro, dos moradores e dos policiais. O lead já inicia com foco na própria população da comunidade, indicando que os moradores tiveram de retirar os corpos e expondo a situação degradante pela qual tiveram que se submeter. A repórter aparece em frente ao escritório da polícia, explicando as inconsistências do caso. Em seguida, o jornal dá voz aos policiais por meio do porta-voz da polícia e mostra o trabalho policial na região e a existência de traficantes. Nesse momento, a telereportagem assume tom mais policialesco. A matéria fecha com a análise de um dos moradores sobre as mortes no Complexo, denotando atenção do jornal com o contexto dos moradores e das mortes. O depoimento final ainda funciona como uma resposta à atuação policial com possíveis execuções na região, o que também pode indicar certo posicionamento do jornal. Em geral, tirando certos fragmentos, o noticiário privilegiou mais o depoimento e falas de moradores.
- Uma das imagens mais significativas do JN diz respeito a fuga dos traficantes dentro da comunidade, que a matéria ainda destacou serem exclusivas do noticiário. Além disso, o jornal fez suas próprias imagens de cobertura, mostrando os moradores ao redor dos corpos, com uma visão aérea privilegiada para o plano geral.
- A notícia responde a todas as questões de o quê, quando, onde, por que e como. Porém, traz uma narrativa mais complexa ao apresentar um embate de versões entre o que a polícia disse ter feito e todas as inconsistências, além dos depoimentos dos moradores que discordam da ação da polícia e exigem respostas do estado.
- Apesar de não dizer com todas as palavras, a matéria trabalhou mais com a tese bastante difundida nas redes sociais de que a invasão no Complexo correspondia a vingança dos policiais diante da morte de seu colega. O noticiário traz a informação da morte do sargento, o que significa que houve a seleção da informação como relevante. O depoimento final também foi uma resposta a justamente essa violência por vingança dentro do Complexo.

Tecnologias

- A matéria utiliza imagens de terceiros para os offs, para dar maior variedade de ângulos ao mostrar os moradores ao redor dos mortos.
- Não há chamadas para as redes sociais e sites nem links ao vivo.
- Um dos problemas técnicos foi que o porta-voz da polícia falava muito rápido, o que tornou difícil a compreensão.
- Apresenta boa qualidade de imagens.

Outras considerações

- A âncora está com um ar solene e formal. Tanto a repórter quanto a âncora vestem roupas discretas. Seus gestos também são limitados a movimentos de cabeça e mãos.
- O fragmento de entrevista com o porta-voz da Polícia Militar está melhor iluminado do que a passagem da repórter.
- A reportagem conta com locução bem feita e um pouco rápida, o suficiente para dar dinamicidade mas não a ponto de se tornar incompreensível.

SBT News (SBT)

Estrutura

- A matéria, por ser ao vivo, apresenta caráter mais imediatista. Acompanhamos o apresentador (cabeça) no estúdio e, em seguida (em off), anunciando o tema da matéria com imagens do local onde os corpos foram achados. O teor de suas falas é sensacionalista, e o apresentador abre espaço para a repórter, que está no local do incidente falar (passagem).
- A repórter aparece tanto em off, com cenas do ocorrido entre suas falas, como ao vivo, falando diretamente com o telespectador. Enquanto fala, há uma música dramática de fundo.
- Assumindo seu caráter imediatista, a repórter não realiza qualquer tipo de entrevista.

Elementos de linguagem

- A matéria não apresenta qualquer tipo de arte. Em um determinado momento, a imagem da repórter se divide ao meio, dando espaço para a exibição do vídeo dos corpos sendo encontrados no matagal (imagem borrada).
- O único lettering presente é a barra com o título da matéria, acompanhando pelo horário local.
- O movimento de câmera da repórter não é estático, acompanhando sua movimentação (travelling de mão). As imagens utilizadas durante o momento do ocorrido (corpos sendo encontrados e imagens do local do conflito), são do próprio cinegrafista, que registrou todos os detalhes.
- A montagem utiliza uma série de imagens e vídeos em repetição (redundância), devido à falta de material oficial. Seu ordenamento não segue com precisão a fala da repórter em boa parte do tempo, salvo quando é dito: "Junto com alguns corpos, havia, inclusive, cápsulas de munição de fuzil deflagradas", quando a imagem das

cápsulas encontradas preenche a tela. O vídeo dos corpos sendo encontrados é, praticamente, um plano-sequência que não permite haver uma melhor articulação entre o que é dito e mostrado. Em um determinado momento, temos uma transição um pouco mais demorada, com a imagem da repórter e vídeo ocupando a tela pela metade, antes de cortar para o vídeo inteiramente.

- Para áudio, a voz da repórter predomina, utilizando-se de um microfone de mão, sem ruídos externos invadindo sua gravação.
- A reportagem ao vivo utiliza-se de uma música (BG) dramática, típica dos programas do gênero, que busca criar tensão e criar o sentimento de choque no telespectador.

Conteúdo

- A matéria utiliza tempo no passado, para se referir ao incidente, e presente, quando relata os acontecimentos ao vivo. As frases da repórter não são tão curtas, e ela comete alguns erros de concordância, revelando o caráter imediatista, isto é, sem a elaboração de um roteiro tão completo para a matéria, apesar dos dados estarem presentes.
- As informações são transmitidas ao telespectador de forma rápida, quase em "respiro", e não há o uso de termos regionalistas/jargões.
- A reportagem não busca realizar entrevistas com os moradores, e está mais preocupada em chocar com as imagens dos corpos sendo encontrados. O objetivo é prender a atenção do telespectador utilizando todos os meios possíveis, incluindo o BG para adicionar mais dramaticidade.
- Há um forte teor subjetivo na matéria, afirmado pelo comentário final do apresentador em estúdio: "É a opinião deles. Agora, a polícia estava trabalhando, né. Pode ter certeza de que não tinha ninguém na igreja rezando". O jornal, através deste comentário, expõe sua opinião em favor da atuação dos policiais na comunidade.
- Uma das maiores faltas, que poderia aumentar a objetividade da matéria, é a presença de entrevistas com moradores ou autoridades locais.
- A repórter responde às perguntas clássicas (o que aconteceu; como aconteceu; quando aconteceu; onde aconteceu e por que aconteceu), mas não de forma direta.

Tecnologia

- A matéria apresenta link ao vivo, e as imagens utilizadas são próprias do cinegrafista, por isso, apresentam uma boa qualidade, ainda que estejam borradas.

Outras considerações

- Tanto a repórter, como o apresentador em estúdio, apresentam uma postura alarmista. A primeira, inclusive, mostra suas botas sujas de terra, indicando que foram a única equipe a entrar no local onde os corpos das vítimas foram encontrados. Enquanto ela utiliza uma roupa menos formal, o apresentador está vestindo um terno no estúdio.
- Apesar da repórter gravar próxima de uma rodovia, a qualidade de seu áudio não é afetada.

Jornal do Rio (Band)

Estrutura

- Tivemos acesso apenas à matéria completa, sem a presença dos apresentadores em estúdio.
- Diferentemente da matéria do SBT News, esta não é ao vivo, e apresenta um nível de objetividade maior.
- Acompanhamos a narração da repórter em off, intercalada com momentos de passagem. Suas pontuações são mais curtas e diretas, bem estruturadas com o ordenamento das imagens.
- Ao longo da reportagem, algumas fontes são entrevistadas, conferindo-lhe um caráter de autoridade.

Elementos de linguagem

- Artes/lettering: a matéria usa os letterings em seu sentido mais comum, para apresentar entrevistados e jornalistas, além do título da matéria. Há uma animação breve com as fotos das vítimas encontradas mortas na região (uma aparecendo ao lado da outra).
- As cenas de *passagem* se utilizam de câmera fixa. As demais cenas da reportagem são quase todas de terceiros (membros da comunidade, por exemplo): vídeo amador dos corpos sendo encontrado; vídeo amador da movimentação da polícia e do barulho de tiros e duas entrevistas gravadas à distância.
- A narrativa da matéria é fluída, com um ritmo de montagem que acompanha as falas da repórter.
- Os cortes entre as cenas são secos, sem um maior trabalho de transição.
- A repórter utiliza um microfone de mão tradicional, e não há o uso de música de fundo.

Conteúdo

- A matéria utiliza sobretudo o tempo no passado, para se referir ao incidente. As frases não são tão longas, em comparação à matéria do SBT News. Não há o uso de palavras estrangeiras.
- A matéria indica a quantidade de corpos que haviam sido encontrados até aquele momento (8 mortes), destacando que 5 tinham passagem pela polícia.
- As siglas utilizadas na reportagem são: 1) "DH" (Delegacia de Homicídios), cuja citação completa é feita anteriormente (1'00"). Sua identificação é facilitada pela imagem da repórter, que aparece na frente da porta do local, onde se lê as iniciais da instituição. 2) BOPE, em referência ao Batalhão de Operações Policiais Especiais.
- O mais próximo de um caráter regionalista na reportagem ocorre através das fontes entrevistas, principalmente os moradores da comunidade, que aparecem expondo sua indignação com a ação policial.
- A reportagem busca entrevistar um leque variado de fontes, incluindo: um líder comunitário (fonte de autoridade que representa a visão da população local); irmã de um dos mortos; um defensor público e um representante da Polícia Militar (através

de uma declaração pré-gravada para garantir a segurança da população). Tal diversidade no número de fontes garante mais objetividade e clareza. A matéria traz pontos de vistas diferentes e não defende quaisquer lados abertamente.

- A matéria responde às principais questões clássicas (o que aconteceu; como aconteceu; quando aconteceu; onde aconteceu e por que aconteceu), mas não de forma direta. Subentende-se que os detalhes iniciais foram dados em estúdio, pelo apresentador, o que pode ser confuso para quem assistir diretamente pelo *site* do veículo.

Neste caso, uma explicação mais clara é necessária no início da reportagem, de forma a ela ser completa em si mesmo, sem necessidade de participação do estúdio.

Tecnologia

- A matéria não apresenta links ao vivo. Além disso, utiliza imagens de terceiros para indicar momentos que não foram gravados pelo cinegrafista. A qualidade da imagem de tais vídeos externos não é tão nítida.

Outras considerações

- A repórter, diferentemente da passagem feita pelo SBT News, veste-se mais formalmente.

Conclusão: semelhanças e diferenças entre as matérias jornalísticas

Entre os jornais do *Jornal Nacional*, *SBT* e *Band News*, o primeiro é, de longe, o mais bem feito. É o único que tem imagens de cobertura aérea privilegiadas, para que o telespectador possa ver com maior amplitude o cenário que se desenrola no Complexo do Salgueiro. Do outro lado, as imagens de cobertura do SBT estavam extremamente desfocadas.

Apesar de manter um tom policialesco em certo momento, mostrando o trabalho dos policiais, o *Jornal Nacional* é o menos sensacionalista. Enquanto o jornal da Globo diz que moradores tiveram de retirar os corpos, focando nas dificuldades dos locais, a *Band* conta os mortos e relata que eles foram enfileirados, criando imagens mais mórbidas na mente do telespectador.

Os diferentes graus de sensacionalismo ficam evidentes em uma entrevista coletiva com uma moradora do Complexo que apareceu tanto na *Band* quanto no *JN*. O primeiro jornal selecionou um trecho em que a moradora relata, chorando, que os corpos foram encontrados com mutilações. Já o *JN* escolheu a parte em que ela cobra uma resposta do Estado para a comunidade, que, apesar de não ser tão apelativa, contribui para a narrativa desenvolvida pelo jornal. O *SBT*, por outro lado, não tem entrevistas. Apenas a repórter aparece relatando o que está acontecendo na comunidade para o telespectador, o que empobreceu o trabalho jornalístico.

A *Band* focou bastante nas mortes e na ação da polícia. Os depoimentos dos moradores apresentados pela emissora têm muito mais a função de descrever o terror do momento. A versão policial predomina e a fala de moradores não aparece para contestar as

declarações dos policiais, diferentemente do JN. O último utiliza fala dos habitantes para criar tensão entre os dois grupos e, também, pôr em xeque a versão oficial.

O telejornal do SBT foi o mais sensacionalista, além de tendencioso e favorável aos policiais. Ele já parte do pressuposto de que os assassinados eram, de fato, criminosos, utilizando o termo para se referir a eles. O locutor afirma que “o confronto aconteceu depois que criminosos *atacaram* e *mataram* o sargento da Polícia Militar, que fazia o patrulhamento na região”. A composição da frase, bem como a ênfase nas duas palavras em itálico acima, indicam que o jornal considera os “criminosos” responsáveis pelas mortes causadas pelos policiais no Complexo do Salgueiro.

Os jornais do JN e da Band foram mais comedidos e se preocuparam em mostrar ao telespectador que a única certeza era de que alguns dos assassinados tinham ficha criminal. No entanto, fica a dúvida sobre a relevância da informação, pois ficha criminal não quer dizer que o indivíduo cometeu aquele crime em questão ou permissão para execução policial.

A narração do SBT é frenética, impressão mais intensificada ainda pelo BG utilizado no telejornal. O locutor busca construir o tempo todo uma imagem sanguinária do local, dando ênfase à palavra *chacina* de um modo acrítico e afirmando que “os corpos estão todos jogados no mangue com sinais de tortura”.

A repórter e o âncora do SBT mantêm um tom mais informal do que dos outros dois jornais analisados, que falam de um jeito mais contido. Ao chamar a repórter, o âncora do SBT diz: “Branca, cadê você?”. A própria repórter exhibe para a câmera as botas sujas de barro do manguezal. Embora esse não seja um fazer jornalístico convencional, pode ter certa vantagem frente aos outros dois por estabelecer maior proximidade com a audiência.